

CORONAVÍRUS

Vacinas podem ser ineficazes no prazo de “um ano ou menos”, avisam especialistas

CONTEÚDO EXCLUSIVO

Inquérito a 77 epidemiologistas de 28 países conclui que dois terços dos especialistas consideram que as mutações do SARS-CoV-2 podem fazer com que as actuais vacinas se tornem ineficazes a curto prazo.

Andrea Cunha Freitas

30 de Março de 2021, 17:00



DANIEL ROCHA

O aviso não é novo, mas os resultados de um inquérito da Aliança Popular das Vacinas (APV) (<https://www.oxfam.org/en/press-releases/two-thirds-epidemiologists-warn-mutations-could-render-current-covid-vaccines>) colocam um intimidante curto prazo na possibilidade de termos a necessitar de criar novas ou adaptadas fórmulas da vacina da covid-19 (<https://www.publico.pt/2021/03/29/ciencia/noticia/ecdc-vacinacao-reduz-significativamente-infeccao-sintomatica-assintomatica-1956391>), que respondam às prováveis mutações

do vírus. No trabalho divulgado esta terça-feira, dois terços dos 77 especialistas inquiridos, de 28 países, defendem que isso pode acontecer dentro de apenas “um ano ou menos”. A APV, uma coligação de organizações incluindo a Amnistia Internacional, Oxfam, e UNAIDS, usa esta previsão (pouco optimista) dos especialistas para, sobretudo, fazer passar a mensagem de que é necessário que as actuais vacinas cheguem rapidamente a todos os países do mundo.

O alerta lançado pela APV pode ser desanimador e até desencorajador, mas essa não será a intenção da coligação que, mais do que apoiar a necessidade da vacinação contra a covid-19, pede que sejam feitos todos os esforços para que todas as pessoas de todos países tenham acesso às actuais vacinas. A possibilidade de o SARS-CoV-2 mudar ao ponto de ser necessário adaptar ou criar novas fórmulas de vacinas está desde há muito tempo em cima da mesa. É o curto prazo da previsão dos especialistas para que essa ameaça se torne realidade que pode, neste caso, ter mais impacto e funcionar com um susto, que a APV parece acreditar que é necessário. A verdade é que o aviso fez eco.

Dois terços dos 77 epidemiologistas de 28 países (nenhum investigador de Portugal participou no estudo) consideraram que “temos um ano ou menos antes da mutação do vírus, a ponto de a maioria das vacinas de primeira geração se tornar ineficaz e de serem necessárias vacinas novas ou modificadas”, refere o comunicado de imprensa da Oxfam sobre o inquérito. E especifica: “Dos inquiridos, quase um terço deu um prazo de nove meses ou menos. Menos de um em cada oito disse acreditar que as mutações nunca tornariam as vacinas actuais ineficazes.” Porém, a principal conclusão da APV é que estas estimativas não devem enfraquecer os esforços de vacinação em curso mas que, pelo contrário, reforçam “a urgência da vacinação em todos os países”.

Os dados do inquérito surgem apenas num comunicado de imprensa da responsabilidade da Oxfam, uma das 50 organizações que fazem parte do movimento da Aliança Popular das Vacinas. “Epidemiologistas de algumas das principais instituições académicas mundiais lançaram hoje um sério aviso sobre o risco que o mundo está a correr ao não assegurar que todos os países tenham vacinas suficientes para proteger as pessoas da covid-19”, começa por referir o comunicado de imprensa. Sem remeter para o relatório completo, o documento nota que “a esmagadora maioria - 88%” dos inquiridos considerou que a baixa cobertura de vacinas em muitos países tornará mais provável o aparecimento de mutações resistentes às actuais fórmulas que estão a ser usadas. O PÚBLICO pediu o inquérito à APV que nos remeteu para o comunicado de imprensa da Oxfam acrescentando apenas: “infelizmente, não temos o inquérito”.

Assim, voltando à única fonte de informação disponível sobre este trabalho, o comunicado da Oxfam (<https://www.oxfam.org/en/press-releases/two-thirds-epidemiologists-warn-mutations-could-render-current-covid-vaccines>) adianta que “quase três quartos dos inquiridos - que incluíam epidemiologistas, virologistas e especialistas em doenças infecciosas de instituições como Johns Hopkins, Yale, Imperial College, London School of Hygiene and Tropical Medicine, Universidade de Cambridge, Universidade de Edimburgo e Universidade da Cidade do Cabo - disseram que a partilha aberta de tecnologia e propriedade intelectual

poderia aumentar a cobertura mundial de vacinas”. O documento lembra ainda que a APV “apela ao levantamento dos monopólios farmacêuticos e à partilha de tecnologia para aumentar urgentemente a oferta de vacinas”. É este último argumento e apelo que se destaca, aliás, como o principal objectivo da APV que conclui: “Dado que as vacinas são a nossa arma mais crucial na luta contra a covid-19, os líderes mundiais devem assumir o controlo para permitir que o Grupo de Acesso à Tecnologia Covid da Organização Mundial da Saúde facilite a partilha de tecnologia e propriedade intelectual, para que todas as empresas capazes possam maximizar a produção global de vacinas”.

“Não há razões para alarme. Nós temos vacinas que funcionam”

“Não penso que existam razões para alarme. O que vejo aqui é uma previsão que, como qualquer outra, não é uma garantia de que as coisas vão acontecer na forma mais pessimista”, diz ao PÚBLICO Miguel Prudêncio, investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (iMM)

(<https://www.publico.pt/2021/03/05/sociedade/noticia/miguel-prudencio-vacina-russia-china-analisadas-forma-1953263>), da Faculdade de Medicina na Universidade de Lisboa. Cingindo-se apenas aos “dados científicos conhecidos”, o cientista (que não participou no inquérito da APV) sublinha que as vacinas que temos neste momento “são eficazes e são eficazes contra as diferentes variantes que já estão a circular”. Ainda que a variante da África do Sul esteja a colocar mais desafios do que as outras variantes, a total resposta imunitária (que envolve não só os anticorpos como também os linfócitos T) tem demonstrado uma importante resiliência às diferentes mutações do vírus.

Por outro lado, o investigador chama a atenção “para a facilidade com que estas vacinas que estão agora a ser utilizadas podem ser ajustadas a novas variantes que possam surgir”. Mesmo que as mutações acumuladas venham a tornar as actuais vacinas pouco eficazes, a adaptação das fórmulas não será difícil. “Uma das vantagens das tecnologias usadas para estas vacinas é que nós podemos alterar facilmente a composição da vacina de maneira a que fique mais ajustada”, diz, adiantado que estão já em curso alguns ensaios clínicos para testar novas versões da vacina mais dirigidas às novas variantes

(<https://www.publico.pt/2021/01/25/ciencia/noticia/moderna-vacina-eficaz-novas-variantes-investe-reforco-1947840>). Aliás, alguns cientistas propõem já uma alteração na segunda dose da vacina ou mesmo o recurso a uma eventual terceira dose que sirva de reforço à imunidade adquirida para responder de forma mais eficaz às novas variantes.

“A mensagem que é importante transmitir é de tranquilidade. Não há razões para alarme. Nós temos vacinas que funcionam”, insiste admitindo que “é possível que o vírus continue a mutar e que surjam outras variantes”. “É possível? É. O grau de probabilidade de isso acontecer e da data em que isso pode acontecer não sei qual é e acho que ninguém pode saber. Eu não me comprometo em colocar um selo temporal nisto”, responde Miguel Prudêncio acrescentando apenas que “os vírus têm taxas de mutação diferentes e este coronavírus nem sequer

tem uma taxa elevada”. Sobre o lado “mais político” do comunicado, o cientista prefere não fazer comentários não deixando, no entanto, de lamentar as desigualdades de acesso a cuidados de saúde que são uma realidade neste e em muitos outros problemas de saúde pública.

Os países pobres deixados para trás

No comunicado da Oxfam, a preocupação essencial não é a eventual da (im)possibilidade técnica de adaptar as vacinas a novas variantes no futuro. Em vez disso, a questão central será mesmo a questão de política de saúde e da importância do acesso às actuais vacinas no presente. Entre outros especialistas que são citados no comunicado, Devi Sridhar, professor de Saúde Pública Global na Universidade de Edimburgo, refere: “Quanto mais o vírus circular, mais provável é que surjam mutações e variantes, o que poderá tornar as nossas vacinas actuais ineficazes. Ao mesmo tempo, os países pobres estão a ser deixados para trás, sem vacinas e sem suprimentos médicos básicos como o oxigénio.” E questiona: “Como aprendemos, os vírus não se preocupam com as fronteiras. Temos de vacinar o maior número de pessoas possível, em qualquer parte do mundo, o mais rapidamente possível. Porquê esperar e assistir em vez de se antecipar a isto?”

Gregg Gonsalves, professor de Epidemiologia da Universidade de Yale, é outro dos especialistas citado: “Com milhões de pessoas em todo o mundo infectadas com este vírus, novas mutações surgem todos os dias. Por vezes, elas encontram um nicho que as torna mais aptas do que as suas antecessoras. Estas variantes sortudas poderiam transmitir de forma mais eficiente e potencialmente escapar às respostas imunitárias às estirpes anteriores. A menos que vacinemos o mundo, deixamos o campo de jogo aberto a cada vez mais mutações, o que poderia gerar variantes que poderiam escapar às nossas vacinas actuais e exigir vacinas de reforço para lidar com elas.” Quarraisha Abdool Karim, professor em Epidemiologia Clínica na Universidade de Columbia, também pede no comunicado um acesso “mais equitativo às doses disponíveis de vacinas”.

É preciso, concluem os promotores deste inquérito, “uma vacina popular” que chegue a todos os países do mundo. “A Aliança apela também a todas as empresas farmacêuticas que trabalham com vacinas covid-19 a partilharem abertamente a sua tecnologia e propriedade intelectual através da Organização Mundial da Saúde Covid-19 Technology Access Pool, a fim de acelerar e aumentar a produção e lançamento de vacinas em todos os países”. O documento denuncia ainda “a defesa dos países ricos dos monopólios dos gigantes farmacêuticos” que estará a fazer com que os fornecimentos sejam racionados, “com um punhado de empresas a decidir quem vive e quem morre”.

Num esclarecimento mais detalhado sobre as respostas obtidas no inquérito, a Oxfam refere que 66,2% dos inquiridos pensavam que tínhamos um ano ou menos antes da mutação do vírus a ponto de a maioria das vacinas de primeira geração se tornar ineficaz (18,2% dos quais pensavam que tínhamos seis meses ou menos e 32,5% diziam nove meses ou menos). Por outro lado, apenas 7,8% referiram que “nunca veríamos mutações que tornassem as vacinas actuais ineficazes e que fossem necessárias vacinas novas ou modificadas” e outros 7,8% não se sentiam confiantes ao fazer uma estimativa de tempo sobre essa questão. A meio caminho, 18,2% dos epidemiologistas estimaram que tínhamos “dois anos ou mais antes de as mutações tornarem as vacinas actuais ineficazes” e que são necessárias vacinas novas ou modificadas.

Sobre se a partilha aberta de tecnologia e propriedade intelectual poderia aumentar a cobertura mundial de vacinas, 74% disseram que sim, 23% disseram que talvez e 3% disseram que não. Por fim, 88,3% disseram que “uma cobertura vacinal persistentemente baixa em muitos países tornaria mais provável o aparecimento de mutações resistentes às vacinas”, 6,5% disseram que isso não aconteceria e 5,2% não responderam à pergunta. O inquérito foi realizado entre 17 de Fevereiro e 25 de Março de 2021.